



A dimensão religiosa – análise e compreensão da experiência religiosa

Exercício prático – Jacqueline Russ, La dissertation et le commentaire de texte philosophiques, Paris, Armand Colin, pp.105-111 (adaptado).

- Deve preparar-se para responder à seguinte questão:

«A religião conduz o homem para além de si mesmo?»

- Procure compreender o problema.
- Comece por definir: religião, transcendência, imanência, “ para além de si mesmo”.

- Organize a problemática:

Será que a religião conduz o homem para além de si mesmo? A religião constitui um caminho e um itinerário, estrutura activamente a vida humana? A religião, à partida, é um meio de expressão fundamental, ou uma opção entre outras? A religião representa uma estrutura exemplar para a revelação pelo homem e para o homem? E, se a religião for só uma ilusão? Terá a religião uma função somente antropológica, é um simples itinerário humano, ou pelo contrário, é um caminho que abre para uma Presença essencial? Qual o valor espiritual da religião e da experiência religiosa? Que itinerário deve percorrer o espírito humano para se mostrar a si mesmo e situar-se no mundo? Que razões movem o homem para querer realizar esse caminho?

- O problema filosófico

Que fim procura o homem pela religião? A religião é uma marca distintiva da condição humana?

- O que está em causa?

A experiência religiosa radica nas mais profundas necessidades do homem, daí a sua importância fundamental. Ainda que a religião seja um sintoma de fragilidade, ela implica uma das vias fundadoras da nossa vida, como se a religião se tivesse apresentado ou se apresente (em pano de fundo) como reguladora da existência humana.

- A construção do plano dialéctico (articulação dos argumentos, exemplos, objecções, referência a autores da tradição ocidental)

Tese – A religião conduz o homem para além de si mesmo.

A partir da definição clássica de religião, desenvolve-se o argumento segundo o qual só o Ser transcendente pode explicar a existência do homem e do mundo; a religião é o caminho que conduz ao Ser transcendente.

Antítese

Na religião, o homem nada realiza a não ser contemplar-se a si mesmo. A religião é uma ilusão, nela o homem projectou as suas próprias características, idealizando-as. Utiliza a religião para tornar suportável a sua finitude e a sua existência no mundo. A religião, está longe de ser um itinerário, pode ser interpretada como puro resultado da imanência.

Síntese

O homem busca o absoluto, uma poderosa força interior, espiritual, conduz o homem nesta procura do absoluto, para se completar e se encontrar a si próprio.

B. Razão e Fé

Texto 1.

«Ao nascer de uma crítica ao **mito** e à sacralização do mundo, a Filosofia iniciou no Ocidente o processo lento de **secularização** que a **ideia bíblica** de criação e a confissão de humanidade plena, sem mistura, de Cristo sobremaneira consolidaram e a época moderna culminou. Ao contrário de outras culturas e civilizações em que a razão não despertou pela crítica das suas crenças míticas, o Ocidente caracteriza-se pelo desenvolvimento de uma **razão autónoma** teórica, prática e técnica, dessacralizadora da natureza, da sociedade e do poder e emancipadora do homem, agora sujeito aos direitos inalienáveis, independentemente da sua religião, raça, sexo, idade ou condição.» M. B. Pereira, Modernidade, Fundamentalismo e Post – modernidade

Texto 2. – Tradições monoteístas ditas abraâmicas.

« A transcendência é o principal atributo de Deus. Nela, resumem-se algumas das suas características, as mais importantes das quais são:

- capacidade de criação *ex nihilo*;
- conhecimento absoluto; (omnisciência)
- presença absoluta
- poder absoluto (omnipotência).

A estas características é preciso juntar aquilo que as sustenta: Deus é um ser dotado de vontade, de Razão e de capacidade de comunicar com o homem. *Trata-se de uma Pessoa*. Mas não se deve ver qualquer antropomorfismo nesta afirmação. Deus não é concebido à imagem do homem: para o monoteísmo, é evidentemente o homem que é criado à imagem de Deus.» Nayla Farouki, A Fé e a Razão – o que liga e separa.

Texto 3 - As cinco vias da demonstração da existência de Deus

“Que Deus existe, pode-se provar por cinco vias. [1] A primeira e a mais manifesta é a procedente do movimento. É evidente, sendo atestado pelos nossos sentidos, que, neste mundo, alguns seres são movidos. Ora, tudo o que se move é movido por um outro. Com efeito, nada é movido a não ser que esteja em potência em relação ao termo do seu movimento, enquanto, pelo contrário, um ser move enquanto está em acto. Pois o movimento não é mais do que a passagem da potência ao acto e nada pode ser levado ao acto a não ser por um ser em acto. Assim, o que está quente em acto, como o fogo, faz com que a madeira, potencialmente quente, se torne actualmente quente e, desta forma, move-a e muda-a. Ora, não é possível

que o mesmo ser, considerado sob o mesmo ponto de vista, seja simultaneamente em acto e em potência, mas só sob outros pontos de vista; por exemplo, o que é quente em acto não pode ser simultaneamente quente em potência, mas, é, ao mesmo tempo, potencialmente frio. É pois impossível que, sob a mesma relação e do mesmo modo, algo seja simultaneamente motor e movido, isto é, que se mova a si próprio. Logo, se a coisa que move é também movida, é preciso que seja movida por um outro e, este último, por um outro. Ora, não se pode proceder, assim, até ao infinito, pois, neste caso, não haveria um primeiro motor e, por consequência, nenhuns outros motores; com efeito, os motores segundos só movem a não ser que sejam movidos pelo motor primeiro, do mesmo modo que o bastão só se move se for movido pela mão. Logo, é necessário chegar a um primeiro motor, sem ser posto em movimento por nenhum outro, o qual todos compreendem ser Deus.

[2] A segunda via procede da natureza da causa eficiente. Verificamos, observando as coisas sensíveis, que há uma ordem nas causas eficientes. Mas, não se encontra, nem é possível que assim seja, uma coisa que seja a causa eficiente dela mesma, pois seria anterior a si, o que é impossível. Ora, também não é possível proceder-se até ao infinito, porque em todas as causas eficientes ordenadas entre elas, a primeira é causa das intermédias e as intermédias são causas da última, sejam muitas as causas médias ou apenas uma só. Ora, ao remover-se a causa, remove-se o efeito. Por conseguinte, se não há primeira causa na ordem das causas eficientes, não haverá nem última nem intermédia. Procedendo-se ao infinito na série das causas eficientes, não haverá primeira causa eficiente; por consequência, não haveria efeito último nem causa eficiente intermédia, o que é evidentemente falso. Logo, é necessário afirmar que existe uma primeira causa eficiente que todos chamam Deus.

[3] A terceira via tem a ver com o possível e o necessário e é a seguinte. Vemos na natureza coisas que podem ser ou não ser, visto que podem nascer e desaparecer [corromper] e que, por consequência, têm a possibilidade de existir e de não existir. Mas é impossível que tudo o que é de tal natureza exista sempre, visto que, o que pode não existir, não existe num certo momento. Logo se tudo é possível não ser, então, num momento dado, poderia não haver nada na existência. Ora, se isto fosse verdade, mesmo agora não haveria nada na existência, porque aquilo que não existe apenas existe por algo já existente. Por conseguinte, se num dado momento, nada existia, seria impossível a algo começar a existir; e, deste modo, mesmo agora nada existiria, o que é absurdo. Por consequência, nem todos os seres são meramente possíveis e deve haver algum cuja existência seja necessária. Ora, tudo o que é necessário, ou extrai de outrem a causa da sua necessidade ou não. Mas é impossível proceder até ao infinito nas coisas necessárias que têm a sua necessidade causada por outrem, como se provou em relação às causas eficientes. Deste modo, é forçoso afirmar a existência de um ser por si próprio necessário, sem a receber de outrem, mas, antes, sendo causa da necessidade de outros; a tal ser, todos os homens chamam Deus.

[4] A quarta via procede da gradação que se encontra nas coisas. Vê-se, com efeito, nas coisas, maior ou menor bem, verdade, nobreza e outros atributos semelhantes. Ora, uma qualidade é atribuída em maior ou menor grau a coisas diversas segundo a diferente proximidade em relação à coisa na qual esta qualidade é realizada no seu grau supremo; por exemplo, dir-

se-á mais quente o que se aproxima mais do que é superlativamente quente. Há, assim, algo que é soberanamente verdadeiro, bom, nobre e, por conseguinte, soberanamente ser, pois, como é dito no segundo livro da *Metafísica* [Aristóteles; 993b 30], o mais alto grau de verdade coincide com o mais alto grau de ser. Por outro lado, o que está no cume da perfeição de um determinado género, é causa desta mesma perfeição em todos aqueles que pertencem a este género; assim, o fogo, que é superlativamente quente, é causa do calor do tudo o que é quente, como é dito no mesmo Livro [993b 25]. Há, pois, um ser que é, para todos os seres, causa de ser, de bondade e de toda a perfeição. É a ele que nós chamamos Deus.

[5] A quinta via procede do governo das coisas. Vemos que os seres privados de conhecimento, como os corpos naturais, agem em vista de um fim, o que é manifestado pelo facto de que, sempre ou frequentemente, agem da mesma maneira, de forma a realizar o melhor resultado; é claro que eles chegam ao seu fim não por acaso, mas, sim, em virtude de uma intenção. Ora, o que é privado de conhecimento não pode chegar a um fim, a não ser dirigido por um ser conhecedor e inteligente, como a flecha através do arqueiro. Logo, há um ser inteligente através do qual todas as coisas naturais são ordenadas ao seu fim e este ser é o que nós chamamos Deus.

São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, Primeira Parte, q.2, a.3

Argumentos tomistas para a demonstração da existência de Deus

Cinco Vias	Pelo movimento	Pela subordinação das causas eficientes	Pela contingência dos seres	Pelos graus de perfeição dos seres	Pela ordem do universo e a finalidade interna dos seres naturais
Ponto de partida	os sentidos mostram-nos que no mundo há coisas que mudam	a experiência mostra que no mundo sensível há causas eficientes	constatamos que as coisas podem existir ou não existir	na natureza há uma hierarquia de valores ou perfeições	há coisas que não possuem conhecimento e, no entanto, operam para um fim
Princípio metafísico	tudo o que se move é movido por outro	nada existe que seja causa de si mesmo	os seres contingentes não têm o princípio de existência em si mesmos	o perfeito não pode ter a sua origem no imperfeito, só em si mesmo	as coisas que carecem de conhecimento só podem tender para um fim mais perfeito
Impossibilidade de séries até ao infinito	na série de motores não se pode regredir indefinidamente	nas causas eficientes não se pode recuar indefinidamente	não é possível uma série indefinida de seres relativamente necessários		

Termo	Deve existir um Primeiro Motor, não movido por nada	Deve existir uma Causa Eficiente Primeira	Deve existir um Ser absolutamente necessário	Deve existir um Ser Perfeitíssimo	Deve existir um Ser Inteligente que direcciona todas as coisas naturais
--------------	---	---	--	-----------------------------------	---

Conclusão – DEUS EXISTE

Santo Tomás de Aquino – História Medieval y Cristiana – Cinco vias,
in <http://www.e-torredebabel.com>

Texto **4.** – Filosofia e Teologia

«Se o teólogo se recusasse a utilizar a filosofia, arriscar-se-ia a fazer filosofia sem o saber e a fechar-se em estruturas de pensamento pouca aptas à compreensão da fé. Se o filósofo, por sua vez, excluísse todo o contacto com a teologia, ver-se-ia na obrigação de se apoderar por conta própria dos conteúdos da fé cristã, como aconteceu com alguns filósofos modernos. Tanto num caso como noutro, surgiria o perigo da destruição dos princípios básicos de autonomia que cada ciência quer ver garantidos. [...]

À luz destas reflexões, é fácil compreender porque tenha o Magistério louvado reiteradamente os méritos do pensamento de S. Tomás, e o tenha proposto como guia e modelo dos estudos teológicos. O que interessava não era tomar posição sobre questões propriamente filosóficas, nem propor a adesão a teses particulares; o objectivo do Magistério era, e continua a ser, mostrar como S. Tomás é um autêntico modelo para quantos procuram a verdade. De facto, na sua reflexão, a exigência da razão e a força da fé encontraram a síntese mais elevada que o pensamento jamais alcançou, enquanto soube defender a novidade radical trazida pela Revelação, sem nunca humilhar o caminho próprio da razão.» João Paulo II, Carta Encíclica Fé e Razão

Texto 5 - Deus como postulado da razão prática

Pelo que não é necessário à Moral, em ordem ao recto agir, fim algum, mas basta-lhe a lei que contém a condição formal do uso da liberdade em geral. Da Moral, porém, promana um fim; pois não pode ser indiferente à razão de que modo poderá ocorrer a resposta à questão" que resultará deste nosso recto agir", e para que – na suposição de que tal não estivesse de todo em nosso poder – poderíamos dirigir como para um fim o nosso fazer e deixar, de maneira a com ele pelo menos concordar. É apenas uma ideia de um objecto que contém em si a condição formal de todos os fins, como os devemos ter (o dever), e ao mesmo tempo todo o condicionado com ele concordante de todos os fins que temos (a felicidade adequada à observância do dever), ou seja, a ideia de um bem supremo no mundo, para cuja possibilidade devemos supor um Ser superior, moral, santíssimo e onnipotente, o único que pode unir os dois elementos desse bem supremo; mas esta ideia (considerada praticamente) não é vazia, porque alivia a nossa natural necessidade de pensar um fim último qualquer que possa ser justificado pela razão para todo o nosso fazer e deixar tomado no seu todo, necessidade que seria, aliás, um obstáculo para a decisão moral. Mas, e isso é aqui o principal, tal ideia deriva da moral e não constitui o seu fundamento; é um fim cuja autoproposta pressupõe já princípios morais.

Kant, *A Religião nos limites da simples razão*.

C. A Religião e o sentido da existência

Texto 6 – Existência e paradoxo

« Eis o critério: a Deus tudo é possível. Verdade de sempre, e portanto de qualquer instante. É um estribilho quotidiano, e que todos usam sem pensar o que significa, mas a expressão só é decisiva para o homem que esgotou todas as possibilidades, e quando nenhum outro possível humano subsiste. O essencial para ele é então saber se quer crer que a Deus tudo seja possível, se tem a vontade de *acreditar* nisso. Mas não será a fórmula mais própria para perder a razão? Perdê-la para ganhar Deus, é o próprio acto de crer.» S. Kierkegaard, *O Desespero, A Doença Mortal*

Texto 7 – O exemplar modelo – a fé de Abraão

« - Mas que fez Abraão? Não chegou *demasiado cedo* nem demasiado tarde. Albardou o burro seguindo, lentamente, o caminho marcado. Durante todo esse tempo conservou a fé, acreditou que Deus não lhe queria exigir Isaac, estando, no entanto, disposto a sacrificá-lo se tal fosse indispensável. Acreditou no absurdo, porque tal não faz parte do humano cálculo. O absurdo consiste em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar a sua exigência no instante seguinte. Trepou a montanha e no momento em que a faca faiscava, acreditou que Deus não lhe exigiria Isaac. Então, seguramente, surpreendeu-o o desenlace, mas já então também havia um duplo movimento recobrado o seu primitivo estado, e foi por isso que recebeu Isaac com a mesma alegria que sentira pela primeira vez. Prossigamos: vamos supor que Isaac fora realmente sacrificado. Abraão acreditou, não que um dia fosse ditoso no céu, mas que seria cumulado de alegrias cá na terra. Deus podia dar-lhe de novo Isaac, chamar de novo à vida o filho sacrificado. Acreditou pelo absurdo, pois todo o cálculo estava, desde longo tempo, abandonado.» S. Kierkegaard, Temor e Tremor

Texto 8 – O existencialismo de Sartre

« O existencialismo não é senão um esforço para tirar as consequências de uma posição ateia coerente. Tal ateísmo não visa de maneira alguma a mergulhar o homem no desespero. Mas se se chama desespero, como fazem os cristãos, a toda a atitude de descrença, a nossa posição ateia parte do desespero original. *O existencialismo* não é de modo algum um ateísmo no sentido de que se esforça por demonstrar que não existe Deus. Ele declara antes: ainda que Deus não existisse, em nada alteraria a questão; esse o nosso ponto de vista. Não que acreditemos que Deus exista; pensamos antes que o problema não está aí, no da sua existência: é necessário que o homem se reencontre a si próprio e se persuade de que nada pode salvá-lo de si mesmo, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. Neste sentido, o existencialismo é um optimismo, uma doutrina da acção, e é somente por má fé que, confundindo o seu próprio desespero com o nosso, os cristãos podem apelidar-nos de desesperados.» Jean-Paul Sartre, O existencialismo é um humanismo

D. A dimensão social da Religião

Texto 9 – Marx - a religião como felicidade ilusória

« A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro lado, o *protesto* contra essa angústia real. A religião é o suspiro da

criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, assim como é o espírito das condições sociais das quais o espírito se encontra excluído. Ela é o *ópio* do povo.

A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é a exigência que é formulada pela sua felicidade real. Exigir que ele renuncie às ilusões sobre a sua situação é exigir que renuncie a uma situação que tem necessidade de ilusões. A crítica da religião é, pois, em gérmen, a crítica deste vale de lágrimas do qual a religião é a auréola. [...] A crítica da religião destrói as ilusões do homem para que ele pense, aja e molde a sua realidade como um homem sem ilusões chegado à idade da razão, para que ele grave em torno de si mesmo, quer dizer, do seu sol real. A religião não é senão um sol fictício que gravita em torno do homem, na medida em que o homem não gravita em torno de si mesmo.

É pois *tarefa da história*, depois da desapareição de " Para lá da verdade", estabelecer a verdade deste mundo. É em primeiro lugar *tarefa da filosofia*, que está ao serviço da história, uma vez denunciada a forma sagrada de auto-alienação do homem, nas suas formas não sagradas. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, a crítica da teologia em crítica da política.» Karl Marx, Critique de la philosophie du droit de Hegel, 1843-1844

Texto **10** – Nietzsche – notícia da morte de Deus

« O maior dos acontecimentos recentes – a " morte de Deus ", ou, dito por outras palavras, o facto de a fé no deus cristão ter sido despojada da sua plausibilidade – começa já a lançar as primeiras sombras sobre a Europa. É verdade que poucas pessoas têm a vista suficientemente boa, a desconfiança suficientemente avisada para perceber semelhante espectáculo; parece pelo menos a esses, que um Sol se acaba de pôr, que uma antiga e profunda consciência se tornou dúvida: o nosso mundo pareceu-lhes fatalmente todos os dias mais vespéral, mais desconfiado, mais estranho, mais ultrapassado. De uma forma geral, pode dizer-se que o acontecimento é demasiado grande, distante demais, fora demais das concepções da multidão para se ter o direito de considerar que a *notícia* desse *facto*, - digo simplesmente a notícia - , tenha chegado até aos espíritos; para se ter o direito de pensar, com mais forte razão, que muitas pessoas se dão já conta precisa daquilo que se verificou e de tudo o que se vai afundar agora que está minada a fé que era a base, o apoio, o solo alimentador de tantas coisas: toda a moral europeia, entre outros pormenores.» Frederico Nietzsche, A Gaia Ciência

Texto **11** – A religião não é um facto sociológico

« A única via para Deus, fora da fé numa revelação sobrenatural, parte do facto de que o homem é um animal religioso. A sua razão produz naturalmente a noção da divindade. Em última análise, existe alguma ingenuidade ao objectar-se que a religião é um facto sociológico, pois

mesmo que concedamos que a noção de Deus deriva da sociedade, afinal como emerge no seio dela? Ao retomarmos a velha noção do consentimento universal por uma das provas da existência de Deus: não que seja uma, mas é algo de muito importante, porque esse produto espontâneo do entendimento humano é a base a partir da qual todas as provas se constituem. Não que seja uma prova, mas o que nela existe para provar. »
Étienne Gilson, L' Athéisme Difficile